

8º Encontro da ABCP

Área Temática: Cultura Política e Democracia

1 a 4/08/2012, Gramado, RS

**Tolerância e democracia:  
uma investigação transnacional**

*Jakson Alves de Aquino*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

jaa@ufc.br

# 1 Introdução

Neste trabalho, tenho um duplo objetivo: explicar quais fatores são favoráveis à formação de indivíduos socialmente tolerantes e examinar o impacto da tolerância sobre o apoio à democracia. O objetivo final é encontrar explicações gerais para a relação entre tolerância e democracia, válidas para todas as diversas culturas humanas. Para tanto, são usados, basicamente os dados da *Pesquisa Mundial de Valores (World Values Survey)*, uma pesquisa transnacional em que um questionário sobre atitudes e valores relevantes para o estudo de fenômenos políticos é aplicado periodicamente em dezenas de países.

Ainda preciso refinar as análises e aprofundar a revisão da literatura, mas os resultados preliminares apresentados neste trabalho já permitem reforçar a importância da tolerância para o apoio à democracia e o forte papel negativo desempenhado pela religiosidade no avanço da tolerância social. Os resultados também revelam o papel ambíguo do posicionamento dos indivíduos na escala esquerda–direita para a tolerância e a democracia.

Na próxima seção, faço uma revisão da literatura sobre tolerância e democracia. Em seguida, apresento o principal método de análise empregado no trabalho — o uso de modelos lineares hierárquicos — e apresento os dados usados na pesquisa. Por fim, apresento e discuto os resultados encontrados.

## 2 Tolerância e democracia

As pessoas tendem a criar laços de identidade com aqueles com quem convivem e a ser desconfiadas com as pessoas de outros grupos. Embora a convivência em grupo seja permeada de conflitos, quando confrontadas com uma situação em que precisam julgar os atos do próprio grupo frente aos atos de pessoas de outros grupos, as pessoas não são imparciais. Pelo contrário, tendem a perceber com facilidade as falhas ou impropriedades das pessoas dos outros grupos e a ter maior dificuldade de admitir os mesmos problemas no próprio grupo. Ou seja, mesmo se as diferenças culturais forem mínimas, o simples fato de uma população estar dividida em grupos será suficiente para despertar rivalidades ou mesmo inimizades. Como têm demonstrado as pesquisas em psicologia social, a distribuição de indivíduos em grupos diferentes faz com que eles exagrem as diferenças entre os grupos, atenuem as diferenças internas ao próprio grupo e favoreçam o próprio grupo na alocação de recursos (WELDON, 2006, p. 332).

A situação se agrava se, de fato, existem diferenças culturais importantes em relação ao que é considerado certo e errado por duas comunidades. Cada sociedade desenvolve ao longo de sua história o próprio conjunto de regras que torna possível a convivência relativamente pacífica entre seus membros. Com o passar das gerações, essas regras passam a ser aceitas como naturais e o comportamento diferente encontrado em outras comunidades é visto como impróprio. Quanto menos a pessoa reconhecer a origem social das normas que regem sua

sociedade, mais tenderá a considerar inaceitáveis os comportamentos diferentes. É por isso que uma educação laica e crítica tem maiores chances de produzir indivíduos tolerantes do que uma educação religiosa e dogmática.

As religiões ou, pelo menos, as religiões racionalizadas da tradição judaico cristã, são inerentemente dogmáticas. Judaísmo, cristianismo e islamismo pedem aos seus fiéis que tenham fé nos ensinamentos da religião, que devem ser aceitos como verdades inquestionáveis. O crente deve acreditar em verdades mesmo que não as compreenda. Ora, se uma afirmação sobre o funcionamento do mundo ou sobre a maneira correta de proceder em determinada circunstância for verdadeira, todas as outras afirmações divergentes e comportamentos desviantes estão sendo guiados por concepções falsas. Por mais que os religiosos em seus discursos preguem a não violência, o respeito por todos os seres humanos, a generosidade, o amor etc., o pressuposto de que o próprio conhecimento é verdadeiro e de que as normas de convivência da própria sociedade são verdadeiramente corretas implica, logicamente, na consideração de que o outro, de outra religião ou sem religião, vive na obscuridade e no erro.

Aqueles que tiverem acesso a uma educação laica estarão em contato com uma corrente de pensamento que cultiva a dúvida como forma de se aperfeiçoar o conhecimento. Na escola, os estudantes (ou, pelo menos, alguns deles) aprendem que as conclusões devem ser produzidas por raciocínio lógico e fundamentadas em evidências empíricas (WEAKLIEM, 2002, p. 143). Assim, é de se esperar maior tolerância dos indivíduos de maior escolaridade e de menor religiosidade. É claro que muitos podem ter uma filiação religiosa mas não seguir dogmaticamente todos os mandamentos definidos pelos líderes da sua religião e muitos religiosos podem encarar os infiéis mais como almas a serem salvas do que como inimigos a serem vencidos. Essas duas atitudes e outras semelhantes poderão ser suficientes para compensar um comportamento potencialmente intolerante.

De todos as regiões do mundo, é nos países islâmicos que se encontra mais forte a influência da religião na vida das pessoas. Inglehart e Norris utilizam dados da *Pesquisa Mundial de Valores* acumulados nos períodos 1995–96 e 2000–2002 para acompanhar a evolução de diversos valores ao longo do tempo, com atenção para as diferenças entre os países ocidentais e os países islâmicos. Os resultados encontrados foram:

Perhaps more significant, the figures reveal the gap between the West and Islam is even wider among younger age groups. This pattern suggests that the younger generations in Western societies have become progressively more egalitarian than their elders, but the younger generations in Muslim societies have remained almost as traditional as their parents and grandparents, producing an expanding cultural gap (INGLEHART; NORRIS, 2003, p. 68).

Outro fator que pode levar a uma diferença na tolerância a comportamento diferente é o status relativo de cada grupo (WELDON, 2006, p. 332). Em países multiétnicos, é de se esperar diferenças no nível de tolerância entre as diversas etnias.

Hutchison e Gibler (2007) operacionalizaram o conceito de tolerância política a partir de perguntas da *Pesquisa Mundial de Valores* de 1995 em que se perguntava aos entrevistados se achavam que ao grupo de pessoas que eles consideravam ser os mais ameaçadores para a ordem política e social deveria ser permitido ocupar cargos públicos e participar de demonstrações públicas. A lista de grupos “ameaçadores” incluía criminosos e foram eliminados da base de dados os entrevistados que escolheram essa categoria. Também foram eliminados os países em que permaneceram menos de 400 entrevistados, restando, assim, 33 países na base de dados. Construindo um modelo hierárquico, tendo o índice de tolerância como variável dependente, os autores encontraram uma forte correlação positiva entre o índice e o envolvimento do país em disputa por territórios. Controlando por essa variável de nível nacional e por outras variáveis no nível do indivíduo, eles não encontraram correlação estatisticamente significativa entre o índice e duração do regime democrático ou desenvolvimento econômico.

Uma maior tolerância a pessoas de outras etnias e com costumes diferentes seria economicamente benéfico porque tornaria mais fácil a adaptação de migrantes talentosos os quais se sentiriam atraídos por regiões mais intelectualizadas, ocupadas por pessoas de mente aberta (DAS; DIRIENZO; TIEMANN, 2008, p. 193).

Das, DiRienzo e Tiemann (2008) criaram um *índice global de tolerância* utilizando uma questão da *Pesquisa Mundial de Valores* em que se pede aos entrevistados para indicarem se “tolerância e respeito pelos outros” seria um dos valores prioritários a serem ensinados às crianças e mais três questões em que se pede aos entrevistados para indicarem se não gostariam de ter entre seus vizinhos “homossexuais”, “pessoas de outras raças” e “trabalhadores imigrantes ou estrangeiros”. Devido à alta correlação entre as repostas sobre “pessoas de outras raças” e “trabalhadores estrangeiros”, Das, DiRienzo e Tiemann optaram por usar o valor médio dessas duas variáveis na construção do índice. Os autores, em seguida, testaram e encontraram correlações estatisticamente significativas e na direção esperada entre o índice global de tolerância de 62 países e vários indicadores de desenvolvimento econômico: quanto maior a tolerância maior seriam a taxa líquida de migração, o número de pesquisadores por milhão de habitantes, a renda per capita, o IDH, e um índice de crescimento da competitividade.

A pesquisa de Das, DiRienzo e Tiemann apresenta alguns problemas. O primeiro, e mais grave, é que foram feitas apenas correlações parciais, não sendo apresentado nenhum modelo multivariado. Isso não se justifica, pois a própria *Pesquisa Mundial de Valores* possui dezenas de variáveis sobre os indivíduos que poderiam ser usadas como controle nos testes de hipóteses. No caso, seria adequado o uso de análise de regressão múltipla. O segundo problema foi o uso exclusivo de valores agregados.

Teóricos da democracia em geral argumentam que instituições políticas bem planejadas não são suficientes para garantir o bom funcionamento e a estabilidade de um regime democrático (SULLIVAN; TRANSUE, 1999). É necessário que os cidadãos compartilhem uma cultura política compatível com a democracia. Pesquisas realizadas nos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960 demonstraram, entretanto, que os cidadãos comuns se sentiam ameaçados por

grupos com os quais antipatizam e não estavam dispostos a permitir que esses grupos tivessem a mesma liberdade civil da maioria da população. Os cidadãos menos participativos apoiam a democracia de uma maneira geral, mas apresentam respostas inconsistentes com esse apoio quando perguntados sobre os direitos de grupos específicos. O apoio às liberdades civis dos grupos impopulares é consideravelmente maior entre as lideranças comunitárias e essa seria uma das razões da estabilidade do regime democrático:

Despite the obvious fact that most citizens did not possess the correct underlying attitudes and understandings to sustain a fully functioning democratic system, the educated and the politically active did. Most citizens who failed to internalize the attitudes and habits that undergird democratic practices were generally inactive politically and even apathetic. Since most ordinary citizens did not act politically based upon their (negative) attitudes, at least not in concert, democracy was rather easily sustained by an activist class with the proper psychological attitudes, values, and predispositions (SULLIVAN; TRANSUE, 1999, p. 628).

O apoio também é mais consistente entre os mais educados e abastados (SULLIVAN; TRANSUE, 1999, p. 629).

Tem sido comum em estudos sobre intolerância perguntar aos entrevistados de quais grupos de pessoas eles não gostam e, em seguida, perguntar se permitiriam a essas pessoas exercerem direitos civis e políticos permitidos ao seu próprio grupo, como organizar comícios e trabalhar em escolas e no governo (SULLIVAN; TRANSUE, 1999, p. 631; INGLEHART; NORRIS, 2003, p. 68).

Mas a tolerância não deve se limitar aos momentos políticos, de debates públicos. Na verdade, a base da tolerância política pode ser social. É na vida privada, cotidiana, que o indivíduo tem oportunidades mais numerosas de exercitar a tolerância à diferença e, assim, formar as atitudes e predisposições psíquicas favoráveis à tolerância política. A tolerância pode ter várias dimensões e se manifestar em diversas circunstâncias. Diretamente relacionado com o tema deste trabalho — a democracia — é a tolerância às ideias diferentes, ao livre debate e, principalmente, à derrota nas urnas (se a votação ou eleição tiver sido livre e justa). A defesa da liberdade de expressão, principalmente quando isso implique em perder poder ou dar a outro grupo maior oportunidade de divulgar sua forma de pensar, seria a atitude mais diretamente relacionada com a tolerância política.

Inglehart (2003) argumenta que a mera afirmação por parte da maioria dos cidadãos de “apoiarem a democracia” não é um indicador satisfatório da estabilidade de um regime político democrático. A democracia será mais estável se os cidadãos forem politicamente participativos, confiarem uns nos outros, forem tolerantes em relação às pessoas com diferenças étnicas e culturais e adotarem valores pós-materialistas, como valorizar a qualidade de vida mais do que a posse de bens materiais e valorizar a liberdade de expressão (p. 51).

A própria etimologia da palavra *democracia* indica a importância da participação dos cidadãos na vida política para a estabilidade de um regime democrático. Quanto maior a participação, mais difícil será para representantes de interesses particulares controlarem o Estado. Também é largamente aceita a importância da liberdade de expressão para o livre debate de ideias, fundamental para a negociação de consensos.

A confiança generalizada dos cidadãos de que todos cumprem as normas da sociedade é importante, entre outras coisas, para alimentar a expectativa de que o grupo político controlando o governo, se perder a eleição, deixará o poder pacificamente, conforme as regras democráticas.

O funcionamento da democracia pressupõe a aceitação por uma maioria substantiva dos cidadãos do fato de que, frequentemente, aqueles que controlam o governo são representantes dos interesses de outros cidadãos. Assim, uma atitude de tolerância para com pessoas com ideologia ou, de uma maneira geral, cultura diferente é necessária para se suportar longos períodos na oposição. Espera-se, portanto, que uma sociedade terá uma democracia mais estável se seus cidadãos forem tolerantes à diversidade étnica e cultural. Entre as perguntas sobre tolerância presentes na *Pesquisa Mundial de Valores*, a tolerância à homossexualidade é a que tem demonstrado maior correlação com o nível de democratização dos países. Como argumenta Inglehart:

Today, homosexuals constitute the most-disliked group in most societies. Relatively few people express overt hostility toward other classes, races, or religions but rejection of homosexuals is widespread—making attitudes toward them an effective litmus test of tolerance.

Há evidências de ser mais provável que desenvolvimento econômico cause democracia do que a democracia leve ao desenvolvimento econômico (INGLEHART, 2003, p. 56):

Burkhart and Lewis-Beck (1994) analyzed the direction of the causal relationship between economic development and democracy, using empirical data from 131 countries. On the basis of Granger tests, they conclude that economic development causes democracy, but that democracy does not cause economic development. Helliwell (1993) reaches similar conclusions.

Segundo Inglehart, as evidências existentes indicam que o desenvolvimento econômico fomenta valores de autoexpressão e estes, por sua vez, constituem um ambiente favorável para o florescimento da democracia (2003, p. 56). O índice de sobrevivência/autoexpressão é uma das dimensões que emergem de uma análise de componentes principais e inclui variáveis indicadoras de valorização de autoexpressão em oposição a valores materialistas, confiança nas pessoas, tolerância à homossexualidade, participação política e satisfação com a vida.

### 3 Método

O objetivo deste trabalho é contribuir para que se pense em explicações gerais para o fenômeno da tolerância. Diferentes sociedades possuem histórias distintas e culturas específicas e, portanto, para se atingir o objetivo proposto são necessários dados coletados nos vários contextos culturais encontrados no mundo. Somente assim é possível fazer uma tentativa de separação do que há de comum entre todas as sociedades e do que é específico de cada cultura. A melhor base de dados disponível para esse propósito é a *Pesquisa Mundial de Valores*, realizada periodicamente com um questionário traduzido para dezenas de idiomas e aplicado em dezenas de países. Para este trabalho, utilizaremos os dados dos questionários aplicados no período 2004–2008.

Ao se trabalhar com dados transnacionais como os da *Pesquisa Mundial de Valores*, é preciso alguns cuidados. Um deles é com a interpretação de análises comparativas, principalmente, análises descritivas. Por mais cuidadosos que os pesquisadores dos diversos países tenham sido, inevitavelmente, muitas das perguntas do questionário sofrerão alguma alteração no seu significado ao serem traduzidas do inglês para as demais línguas utilizadas na pesquisa. As palavras têm significados relativos, dependentes dos contextos linguístico, cultural, histórico e conjuntural em que são feitas. Assim, ao comparar as repostas dadas pelos entrevistados de dois países, é preciso ser cauteloso antes de se afirmar que uma determinada opinião ou atitude é mais prevalente em um dos países do que no outro. Entretanto, é menos problemático afirmar a existência de correlações entre variáveis e, neste trabalho, é basicamente disso que nos ocuparemos.

O contexto em que vivem os indivíduos entrevistados deve ser levado em consideração e a forma de se fazer isso numa análise de dados transnacional é incluindo nos modelos variáveis indicadoras desse contexto. Uma prática comum é usar os dados da *Pesquisa Mundial de Valores* para calcular o valor médio de um índice ou a proporção de uma categoria de variável categórica para os países e verificar a correlação existente entre as diversas variáveis assim calculadas e com dados coletados sobre os países em outras pesquisas, como renda per capita, taxa de desemprego etc. Ao agregar os dados, entretanto, reduzimos o número de casos de milhares de indivíduos a umas poucas dezenas de países, o que nos impede de acrescentar mais de duas ou três variáveis de controle aos modelos analíticos. O risco de se enganar com correlações espúrias e cometer falácias ecológicas não é desprezível (SELIGSON, 2002). Além disso, um pequeno número de casos pode, com a adição de poucas variáveis, levar à volatilidade dos modelos (POWER; GONZÁLEZ, 2003).

Uma prática comum tem sido o acréscimo da variável país e ano de aplicação do questionário para compensar especificidades relativas aos contextos culturais, diferenças linguísticas, posição das questões nos questionários, etc. e outra opção tem sido trabalhar somente com um subconjunto dos dados, incluindo nas análises apenas países com contextos culturais semelhantes (CATTERBERG, 2003; CATTERBERG; MORENO, 2005).

A melhor solução, entretanto, para integrar dados individuais com dados de contexto é o

uso de modelos hierárquicos e será este o método usado neste trabalho.<sup>1</sup>

Devido à não realização de algumas das perguntas utilizadas em variáveis fundamentais para este trabalho, foram eliminados do banco de dados os seguintes países: Colômbia, Egito, Guatemala, Iraque, Hong Kong, Japão, Nova Zelândia e Ruanda. O banco ficou, então, com 68.406 indivíduos de 49 países. No ajuste de análises de regressão, um valor omissos em qualquer uma das variáveis implica na eliminação de um caso. Para evitar isso, atribuí valores aleatórios para todos os valores omissos remanescentes. A atribuição de valores se deu na mesma proporção das respostas presentes no banco. Assim, por exemplo, se para uma determinada pergunta 37% das respostas válidas tiverem sido "Sim" e 63%, "Não", os valores omissos seriam substituídos por valores válidos aproximadamente na mesma proporção.

## 4 Dados

### 4.1 Índice de tolerância

A tolerância tem várias dimensões, sendo os aspectos político e social os mais salientes. A *Pesquisa Mundial de Valores* tem várias questões cujas respostas podem ser utilizadas para a construção de um índice de tolerância, mas antes de utilizá-las é preciso verificar se pertencem à mesma dimensão.<sup>2</sup>

A *Pesquisa Mundial de Valores* de 1995 tinha um conjunto de perguntas que permitia medir tolerância política de uma forma relativamente direta. Perguntava-se aos entrevistados de quais grupos não gostavam e, em seguida, se permitiram às pessoas desse grupo algumas atividades que têm ou podem ter conotação política. Entretanto, esse conjunto de perguntas foi eliminado da onda da pesquisa que ocorreu entre os anos de 2004 e 2008.

Na onda que serve de base para este trabalho, na questão V16, o entrevistado tem oportunidade de dizer se considera a tolerância e respeito pelos outros como um valor prioritário a ser ensinado a crianças. Nas questões V34 a V42, o entrevistado menciona quais grupos de pessoas não gostaria de ter como vizinhos: viciados em drogas, pessoas de outras raças, pessoas com AIDS, trabalhadores imigrantes ou estrangeiros, homossexuais, pessoas de outras religiões, pessoas que bebem demais, casais que não são casados, mas moram juntos e pessoas que falam uma língua diferente. Nas questões V202 e V205, pergunta-se se homossexualidade e divórcio são justificáveis. Essas questões podem ser indicadoras de tolerância social. Como podemos ver na Tabela 1, as cargas fatoriais das variáveis em três análises de componentes principais com rotação *varimax* são indicadoras de diferentes dimensões da tolerância. A tabela

---

<sup>1</sup>Utilizo o software R para manipulação e análise dos dados (R Core Team, 2012). Para as análises de componentes principais, uso a função `principal()`, do pacote `psych` (REVELLE, 2012); para o ajuste dos modelos hierárquicos uso a função `lmer()`, do pacote `lme4` (BATES; MAECHLER; BOLKER, 2012).

<sup>2</sup>Os dados estão disponíveis em <http://www.worldvaluessurvey.org>. As versões do questionário em diversos idiomas estão em <http://www.wvsevsdb.com/wvs/WVSDocumentation.jsp>.



mostra somente as correlações superiores a 0,40.

Tabela 1: Análises de componentes principais de indicadores de tolerância

	PC1a	PC2a	PC3a	PC1b	PC2b	PC1c
v16						
v34		0,78			0,65	
v35	0,77			0,76		0,61
v36	0,41	0,51			0,57	0,65
v37	0,71			0,68		0,63
v38		0,59	0,44		0,73	0,61
v39	0,76			0,76		0,62
v40		0,77			0,60	
v41	0,50			0,49	0,42	0,65
v42	0,72			0,72		0,54
v202			0,81		0,59	0,53
v205			0,79		0,49	0,47

A variável V16 não se mostrou correlacionada com nenhum fator em nenhuma das três análises e, por isso, ao contrário do que fizeram Das, DiRienzo e Tiemann (2008), não a incluírei na construção do índice. Na análise *a*, com três fatores, as variáveis V35, V36, V37, V39, V41 e V42 são indicadoras da mesma dimensão. Na análise *b*, com dois fatores, algumas dessas variáveis passam a fazer parte do segundo fator. Para este trabalho, optei por usar como indicadores de tolerância as variáveis que compõem a dimensão revelada pela análise fatorial *c* porque esta análise, ao mesmo tempo, inclui um número maior de variáveis, de duas baterias de perguntas diferentes, sendo, portanto, capaz de capturar a dimensão subjacente de tolerância em circunstâncias mais diversificadas, e se mostrou capaz de isolar a questão V34, relativa à tolerância a criminosos, altamente destoante das demais. Os indicadores que compõem o índice de tolerância são, portanto, as questões V35, V36, V37, V38, V39, V41, V42, V202 e V205. A Tabela 2 mostra a análise de componentes principais definitiva usada para construir o índice de tolerância, incluindo somente as variáveis relevantes.

Tabela 2: Índice de tolerância: cargas fatoriais dos seus indicadores

v35	v36	v37	v38	v39	v41	v42	v202	v205
0,65	0,63	0,65	0,57	0,66	0,64	0,59	0,52	0,46

## 4.2 Índice de apoio à democracia

Na questão V162 da *Pesquisa Mundial de Valores*, o entrevistado deve escolher, em uma escala de 1 a 10, em que medida é importante para ele “viver em um país que é governado de

maneira democrática”. Com esta pergunta genérica, o apoio à democracia é elevado em todas as regiões do mundo (Tabela 3).

Tabela 3: Valor médio do apoio à democracia segundo a região

	Média	N	Desv. Pd.
Língua Inglesa	8,86	5875	1,81
Europa Ocidental	8,93	12613	1,59
América Latina	8,58	8564	2,10
África	8,61	10590	1,90
Ásia (Leste)	8,76	2427	1,57
Ásia (Sul)	8,21	8246	2,07
Europa Oriental	8,29	13009	2,16
Islã	8,48	7082	2,06
Total	8,57	68406	1,96

Entretanto, como já discutido no início deste trabalho, aqueles que apoiam a democracia genericamente, nem sempre mantêm seu apoio quando são feitas perguntas mais específicas. Nas questões V148 a V150, o entrevistado deve avaliar três tipos de sistema político: autoritário-personalista, tecnocrático e militar. Utilizarei essas 3 questões para construir um índice aditivo de apoio à democracia criado a partir da soma das respostas convertidas em números inteiros.<sup>3</sup> Na verdade, como as questões se referem a regimes não democráticos, o índice seria rotulado com mais precisão como *índice de rejeição de regimes não democráticos, mas não necessariamente autoritários*. Considerando que a principal alternativa aos três regimes apresentados aos entrevistados é a democracia, eu o estou considerando um índice de apoio à democracia. A Tabela 4 apresenta o valor médio do índice para as diversas regiões do mundo.

### 4.3 Variáveis explicativas (nível dos indivíduos)

Como variáveis explicativas no nível dos indivíduos foram escolhidas as variáveis demográficas clássicas: sexo, idade, escolaridade, status marital, número de filhos, nível de renda, religiosidade, e mais algumas utilizadas com menor frequência: se o respondente vive com os pais, se está empregado, tipo de ocupação, se a família economizou dinheiro no último ano, posicionamento na escala esquerda–direita, participação em associações e pertencimento a grupo étnico minoritário.

Quanto às variáveis sobre condições de trabalho ou ocupação, optei pelas questões V241 (empregado ou não) e V242 (tipo de ocupação) por serem mais objetivas do que as questões

<sup>3</sup>A questão V151, sobre regime democrático, faz parte do mesmo grupo de perguntas, mas não a incluí na composição do índice porque ela tem o mesmo nível de generalidade da V162. As questões V152 a V161 perguntam sobre a concepção de democracia do entrevistado e, em trabalhos futuros, poderei explorar a interação dessa concepção com o apoio à democracia.

Tabela 4: Valor médio do índice de apoio à democracia segundo a região

	Média	N	Desv. Pd.
Língua Inglesa	6,37	5875	2,03
Europa Ocidental	6,28	12613	1,81
América Latina	5,10	8564	2,01
África	5,15	10590	2,31
Ásia (Leste)	5,18	2427	1,55
Ásia (Sul)	4,76	8246	1,99
Europa Oriental	4,90	13009	1,90
Islã	4,44	7082	1,78
Total	5,29	68406	2,07

seguintes, V243 a V246, em que o entrevistado faz uma autoavaliação do caráter do seu trabalho. Na V241, recodifiquei os valores omissos como *Desempregado* e, na V242, como *Nunca trabalhou*.

A variável *renda* é, na verdade, uma percepção subjetiva do entrevistado sobre sua posição na escala de renda do seu país. De acordo com essa variável, nos Estados Unidos, por exemplo, os hispânicos teriam renda mais elevada do que os brancos.

A diversidade religiosa existente no mundo torna difícil classificar as pessoas em poucas categorias e, conseqüentemente, é inviável usar essa variável em análises de regressão. Além disso, o significado das denominações religiões pode variar conforme o contexto cultural. Por isso, optei por construir um índice de religiosidade a partir de cinco variáveis: a importância da religião na vida do entrevistado (V9), a importância de se ensinar às crianças a ter fé religiosa (V19), a frequência da participação em atividades religiosas (V186), se o entrevistado se considerava uma pessoa religiosa (V187) e em que medida Deus é importante na vida do entrevistado (V192). A Tabela 5 mostra as cargas fatoriais dos vários indicadores.

Tabela 5: Índice de religiosidade: cargas fatoriais dos seus indicadores

V9	V19	V186	V187	V192
0,85	0,67	0,72	0,74	0,83

Outra variável complexa é o posicionamento ideológico na escala esquerda–direita. A *Pesquisa Mundial de Valores* tem várias perguntas para tentar mensurar este posicionamento. A primeira (V114), pede para o entrevistado se auto posicionar numa escala de 1 a 10, onde 1 é esquerda e 10, direita. Em seguida, as perguntas V115 a V121 solicitam ao entrevistado para se posicionar em questões específicas para as quais supõe-se haver um posicionamento típico do pensamento de esquerda. Como podemos ver na Tabela 6, as correlações entre auto posicionamento na escala esquerda–direita e auto posicionamento nas perguntas específicas é muito

baixo tanto para pessoas de baixa escolaridade quanto para pessoas com alta escolaridade, mas, como já havia demonstrado Rockey (2010), há maior consistência nas respostas das pessoas com nível de escolaridade superior.

Tabela 6: Correlação entre auto posicionamento na escala esquerda–direita e respostas a questões específicas, segundo nível de instrução

	V115	V116	V117	V118	V119	V120	V121
Fundamental	0,01	0,05	-0,02	0,06	-0,01	0,03	0,06
Superior	0,03	0,18	0,10	0,13	0,09	0,07	0,04

As respostas esperadas por uma pessoa de esquerda para algumas das questões podem variar dependendo do país, e isso pode ser uma das causas das baixas correlações. Por exemplo, é de se esperar uma menor ênfase na necessidade dos rendimentos serem mais parecidos em países que já têm uma igualdade econômica significativa.<sup>4</sup> Neste trabalho, usarei duas variáveis indicadoras do posicionamento esquerda–direita: o auto posicionamento dos entrevistados na questão V114 e um índice aditivo constituído pela soma das questões V115 a V121 (com a inversão da escala nas questões V115, V117, V119 e V120).

Como variável indicadora de participação, utilizei as respostas das questões V25 a V32, em que o entrevistado deve dizer se *Não participa*, *Pertence, mas não participa* ou *Pertence e participa* de diversas organizações. As variáveis foram convertidas em numéricas, com valores 0, 1 e 2, os valores foram somados e a variável resultante foi convertida em categórica com os seguintes rótulos: *Não participa* (0 ponto), *Participa pouco* (1 ou 2 pontos) e *Participa muito* (3 a 16 pontos). A variável V24 também faz parte desse grupo de questões, mas não a incluí na construção da nova variável por se tratar de organização religiosa, o que poderia levar a colinearidade com o índice de religiosidade.

Para cada país em que foi feita a questão V256 (grupo étnico do entrevistado segundo observação do entrevistador), verifiquei qual grupo étnico era mais numeroso. Em seguida, criei uma variável categórica para indicar se o indivíduo pertencia a um dos grupos minoritários.

#### 4.4 Variáveis explicativas (nível dos países)

Os dados das variáveis nacionais são, em sua maioria, referentes ao ano de 2006, mas os questionários foram aplicados de 2004 a 2008. Em versão futura deste trabalho, na medida do possível, serão utilizados dados de acordo com os anos de realização das pesquisas.

Os dados sobre desemprego são do *CIA Fact Book 2007*. Para alguns países, os dados eram de anos anteriores a 2006 e para Burquina Faso os dados foram obtidos no site *IndexMundi*.<sup>5</sup>

<sup>4</sup>Em trabalhos futuros, poderei utilizar informações contextuais como índice de Gini e tamanho da participação do Estado na economia para avaliar o posicionamento dos entrevistados em relação às várias perguntas.

<sup>5</sup><http://www.indexmundi.com>.

Para Etiópia, não encontrei dados e atribuí a esse país uma taxa de desemprego de 50%, em consonância com os valores de vários dos países africanos.

A *Penn Table* contém diversos dados econômicos de dezenas de países de 1950 a 2009 (HESTON; SUMMERS; ATEN, 2011). Dessa base de dados, foi extraído o PIB per capita no ano de 2006. Na ausência de dados para Andorra, atribuí a esse país o PIB per capita de U\$ 40.000.

O índice de Gini foi obtido no site da United Nations University e na sua maior parte é referente a 2006.<sup>6</sup> Para alguns países, os dados são de anos anteriores.

Utilizei os dados do projeto *Polity IV* para contextualizar os países politicamente. A base de dados do *Polity IV* contém avaliações dos graus de democracia e de autocracia atribuídos ano a ano para dezenas de países, bem como uma variável indicando há quantos anos não ocorre nenhuma mudança importante no regime político. Com esses dados, criei uma variável categórica com 5 valores: *regime híbrido* (autocracia e democracia  $< 4$ ); *autocracia duradoura* (autocracia  $> 4$  e duração  $> 20$ ); *autocracia recente* (autocracia  $> 4$  e duração  $\leq 20$ ); *democracia recente* (democracia  $> 4$  e duração  $\leq 20$ ); e *democracia duradoura* (democracia  $> 4$  e duração  $> 20$ ). Na ausência de dados, atribuí os valores da França a Andorra.

## 5 Resultados

A Figura 1 ilustra a correlação existente entre o índice de tolerância e as variáveis de nível nacional. A cada gráfico, foi adicionada a linha de regressão correspondente à relação entre as duas variáveis.

Como esperado, o grau de democratização e o PIB per capita estão positivamente correlacionados com o índice de tolerância enquanto o índice de Gini e a taxa de desemprego estão negativamente correlacionados.

A Tabela 7 mostra os coeficientes de regressão e a estatística  $t$  de um modelo linear hierárquico com dois níveis: indivíduos entrevistados e países em que foram realizadas as entrevistas. As variáveis individuais estão separadas das variáveis nacionais por uma linha horizontal.

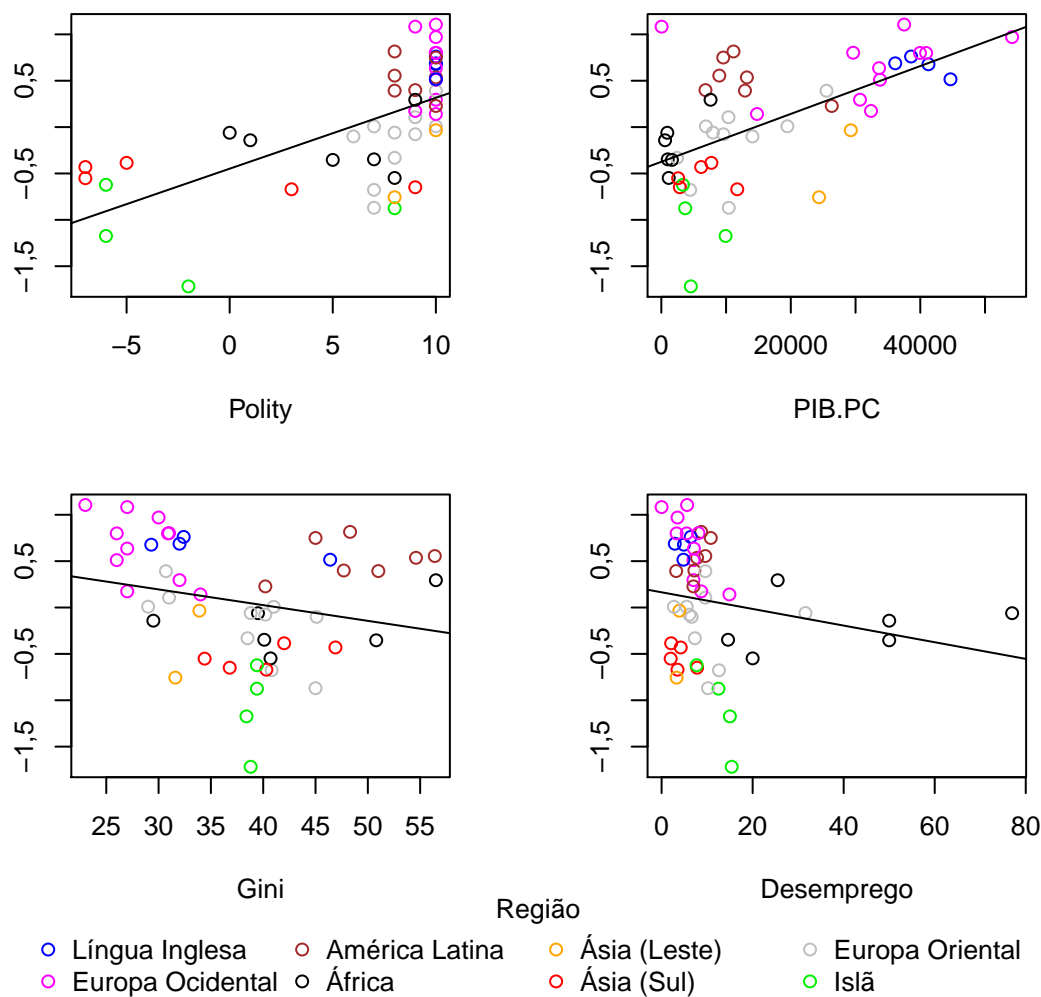
Pela observação da estatística  $t$ , podemos saber o nível de significância das variáveis: quanto maior o valor absoluto da estatística, maior a significância. Para este trabalho, considerarei significativas as correlações com  $|t| > 2$ .

Das variáveis do nível dos indivíduos, a que apresenta impacto positivo mais significativo sobre o índice de tolerância é a educação, seguida do sexo (feminino) e da renda. Também têm impacto positivo significativo algumas categorias profissionais, particularmente profissionais liberais e supervisores e trabalhadores de escritório (quando comparados com os que não têm

---

<sup>6</sup>[http://www.wider.unu.edu/research/Database/en\\_GB/wiid](http://www.wider.unu.edu/research/Database/en_GB/wiid); acesso em 29 de junho de 2012. Para Andorra, não havia dados e copieei o valor da França.

Figura 1: Diagramas de dispersão tendo o índice de tolerância como variável dependente



ou não tiveram profissão), a idade (faixa etária de 30 a 40 anos, em contraste com a faixa de referência de 15 a 29). Comparado aos que não têm emprego, os estudantes também são mais tolerantes.

A variável com mais forte impacto negativo sobre o índice de tolerância foi o índice de religiosidade, seguido do auto posicionamento esquerda-direita. Aposentados e donas de casa também se destacam entre os menos tolerantes, seguidos daqueles que têm filhos e de trabalhadores rurais. Pertencer a grupo étnico minoritário também apresentou impacto negativo sobre a tolerância dos indivíduos e, contrariando a literatura, participação elevada reduz a tolerância, pelo menos em sua dimensão social, tal qual medida pelo índice aqui adotado.

Das variáveis de nível nacional, somente o PIB per capita e o regime político se mostraram estatisticamente significativos, com valor absoluto da estatística  $t$  acima de 2,0. As pessoas que moram em países de renda per capita mais elevada são mais tolerantes, bem como as pessoas que vivem em regimes mais democráticos. Quando controladas pelas demais variáveis do modelo, índice de Gini e taxa de desemprego não se mostraram estatisticamente significativos para explicar o grau de tolerância dos indivíduos.

Tabela 7: Regressão multinível I: índice de tolerância como variável dependente

	Estimativa	valor t
(Intercepto)	-0,917	-2,27
Sexo (Feminino)	0,078	9,66
Idade (30–49)	0,024	2,14
Idade (50–98)	-0,026	-1,87
Nível de instrução (Médio)	0,091	8,52
Nível de Instrução (Superior)	0,218	15,17
Status marital (Casado)	-0,032	-2,73
Status marital (Separado)	0,028	1,55
Status marital (Viúvo)	-0,026	-1,23
Número de filhos	-0,009	-3,18
Mora com os pais (Não)	0,020	2,04
Emprego (Sim: tempo parcial)	-0,031	-2,31
Emprego (Sim: autônomo)	0,046	3,64
Emprego (Não: aposentado)	-0,124	-8,05
Emprego (Não: dona de casa)	-0,111	-5,68
Emprego (Não: estudante)	0,129	4,47
Emprego (Não: desempregado)	0,004	0,25
Emprego (Não: outro)	0,116	4,23
Ocupação (Empregador > 10)	0,098	3,17
Ocupação (Empregador < 10 )	0,094	3,62
Ocupação (Profissional liberal)	0,117	5,06
Ocupação (Supervisor de escritório)	0,138	5,53
Ocupação (Trabalhador de escritório)	0,133	5,96
Ocupação (Supervisor de trabalho manual)	0,021	0,65
Ocupação (Trabalhador manual)	0,057	2,81
Ocupação (Fazendeiro)	0,025	0,96
Ocupação (Trabalhador rural)	-0,082	-3,22
Ocupação (Militar)	0,046	1,33
Renda	0,012	6,39
Economia familiar (Não economizou)	-0,015	-1,64
Economia familiar (Gastou)	-0,002	-0,18
Economia familiar (Gastou e se endividou)	-0,038	-2,85
Índice de religiosidade	-0,080	-16,44
Auto posicionamento esquerda–direita	-0,019	-11,33
particLrPouco	0,015	1,52
particLrMuito	-0,028	-2,79
Pertence a minoria (Sim)	-0,042	-3,47
PIB per capita	0,000	3,01
Índice de Gini	0,007	0,81
Taxa de desemprego	0,003	0,56
Polity	0,043	2,76

Tabela 8: Regressão multinível II: índice de tolerância como variável dependente

	Estimativa	valor t
(Intercepto)	-1,427	-3,09
Sexo (Feminino)	0,082	10,09
Idade (30–49)	0,024	2,18
Idade (50–98)	-0,024	-1,80
Nível de instrução (Médio)	0,091	8,51
Nível de Instrução (Superior)	0,221	15,33
Status marital (Casado)	-0,033	-2,80
Status marital (Separado)	0,028	1,55
Status marital (Viúvo)	-0,025	-1,22
Número de filhos	-0,009	-3,22
Mora com os pais (Não)	0,020	2,04
Emprego (Sim: tempo parcial)	-0,032	-2,35
Emprego (Sim: autônomo)	0,045	3,60
Emprego (Não: aposentado)	-0,126	-8,22
Emprego (Não: dona de casa)	-0,115	-5,86
Emprego (Não: estudante)	0,129	4,48
Emprego (Não: desempregado)	0,006	0,37
Emprego (Não: outro)	0,113	4,14
Ocupação (Empregador > 10)	0,096	3,09
Ocupação (Empregador < 10 )	0,090	3,46
Ocupação (Profissional liberal)	0,120	5,15
Ocupação (Supervisor de escritório)	0,141	5,64
Ocupação (Trabalhador de escritório)	0,137	6,10
Ocupação (Supervisor de trabalho manual)	0,021	0,65
Ocupação (Trabalhador manual)	0,062	3,07
Ocupação (Fazendeiro)	0,025	0,96
Ocupação (Trabalhador rural)	-0,080	-3,15
Ocupação (Militar)	0,049	1,43
Renda	0,011	5,76
Economia familiar (Não economizou)	-0,012	-1,29
Economia familiar (Gastou)	0,002	0,14
Economia familiar (Gastou e se endividou)	-0,036	-2,67
Índice de religiosidade	-0,086	-17,65
Índice de posição esquerda–direita	0,002	3,13
particLrPouco	0,014	1,40
particLrMuito	-0,027	-2,74
Pertence a minoria (Sim)	-0,039	-3,24
PIB per capita	0,000	2,62
Índice de Gini	0,005	0,50
Taxa de desemprego	0,009	1,51
Polity (Autocracia duradoura)	0,371	0,95
Polity (Autocracia recente)	0,510	0,95
Polity (Democracia recente)	0,643	2,26
Polity (Democracia duradoura)	0,947	3,00

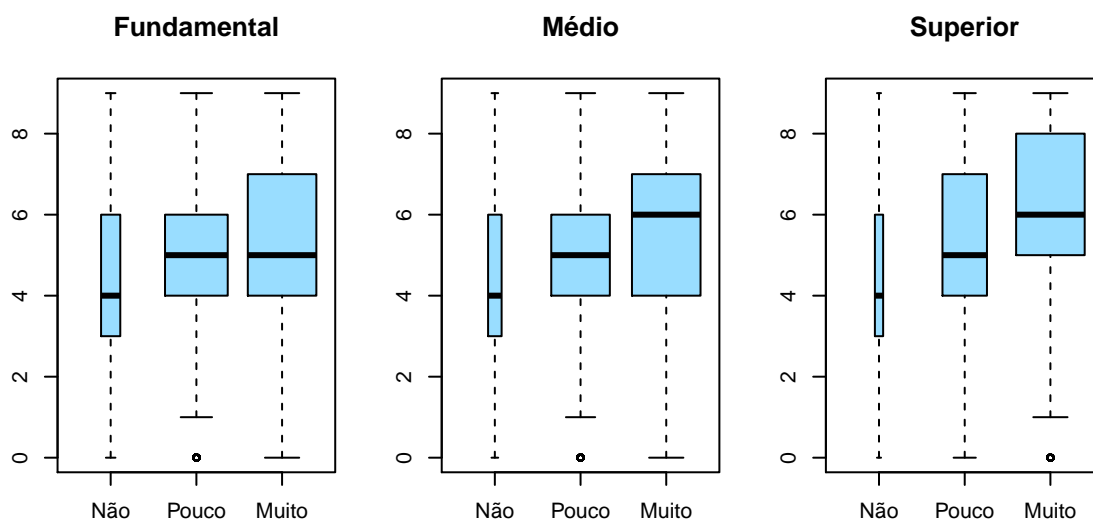


No segundo modelo, cujo sumário é apresentado na Tabela 8, eliminei as variáveis que não se mostraram significativas no primeiro modelo. Além disso, substituí o auto posicionamento do entrevistado na escala esquerda–direita pelo índice aditivo e utilizei a variável *Polity* codificada como categórica. Os resultados são, basicamente, equivalentes ao do primeiro modelo. A única diferença importante é que, agora, ser direita está positivamente correlacionado a ser mais tolerante.

Considero que o apoio do entrevistado à democracia é antes consequência do que causa da tolerância. Por isso, as duas variáveis indicadoras de apoio ao regime democrático não foram incluídas nas análises de regressão que tinham o índice de tolerância como variável dependente.

Na Figura 2, pode-se ver como o índice de apoio à democracia se relaciona com a escolaridade dos entrevistados. A largura das caixas é proporcional ao número de pessoas em cada categoria. Como pode-se perceber, entre as pessoas de maior escolaridade, há uma maior consistência entre apoio genérico, medido pela questão V162 e, na figura, convertida em categórica, e apoio qualificado, sumarizado no índice de apoio específico.

Figura 2: Digramas em caixa do apoio específico à democracia segundo o apoio geral e o nível de instrução

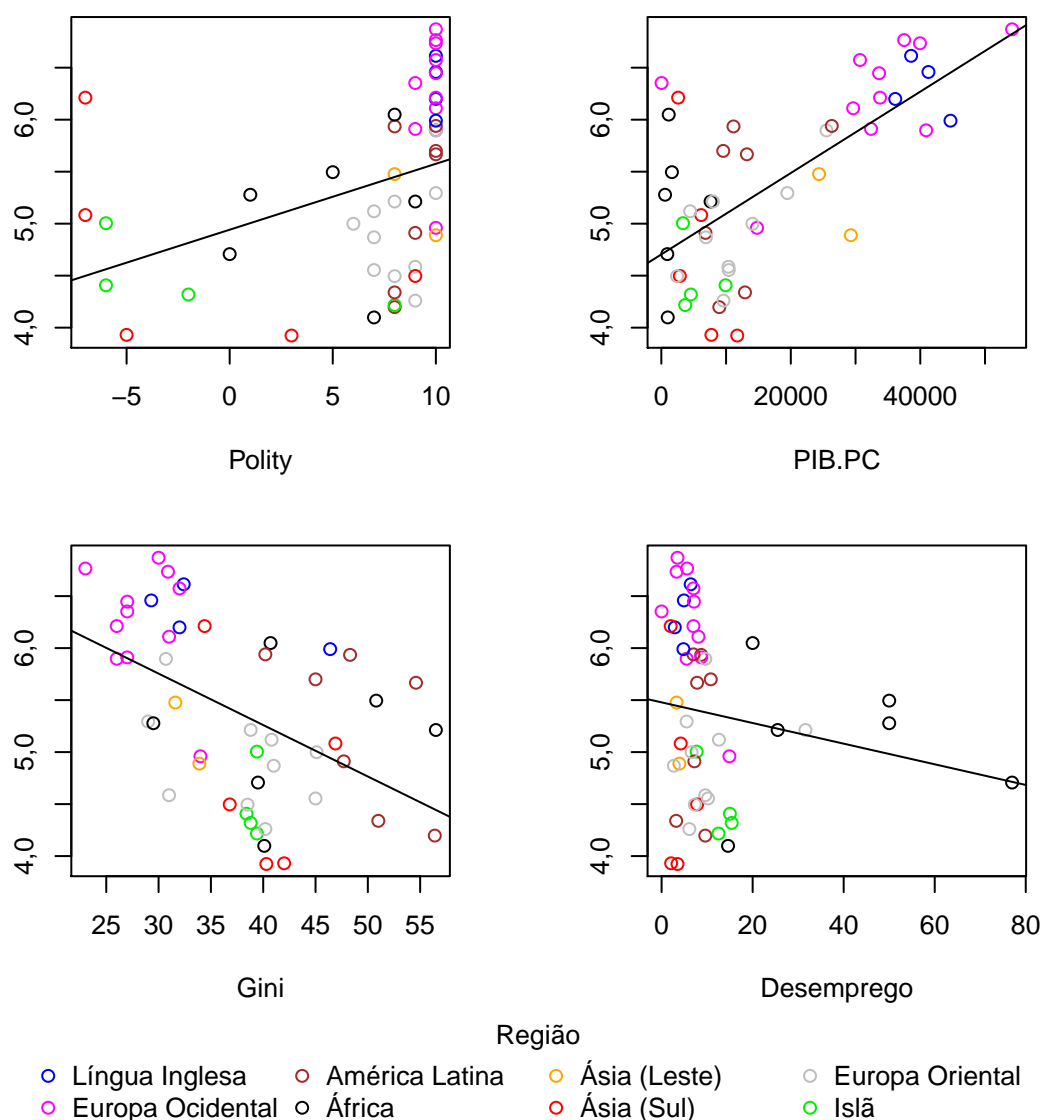


É de se esperar que as pessoas mais tolerantes também apoiem mais a democracia e isso de fato ocorre, mas, de forma mais consistente, entre as pessoas de maior escolaridade. As correlações entre o índice de tolerância e o apoio específico à democracia segundo o nível de instrução são: 0,1238 (Fundamental), 0,191 (Médio) e 0,3282 (Superior).

Como podemos ver pela Figura 3, as correlações entre o índice de apoio à democracia e as variáveis nacionais têm a direção esperada. No caso do desemprego, fica claro que a linha de regressão está sendo fortemente determinada pelas altas taxas de desemprego de alguns países africanos, conforme dados do *CIA Fact Book*.

De acordo com a literatura, é de se esperar uma correlação positiva entre satisfação com a vida e apoio à democracia, pelo menos nos países governados democraticamente. A Figura 4

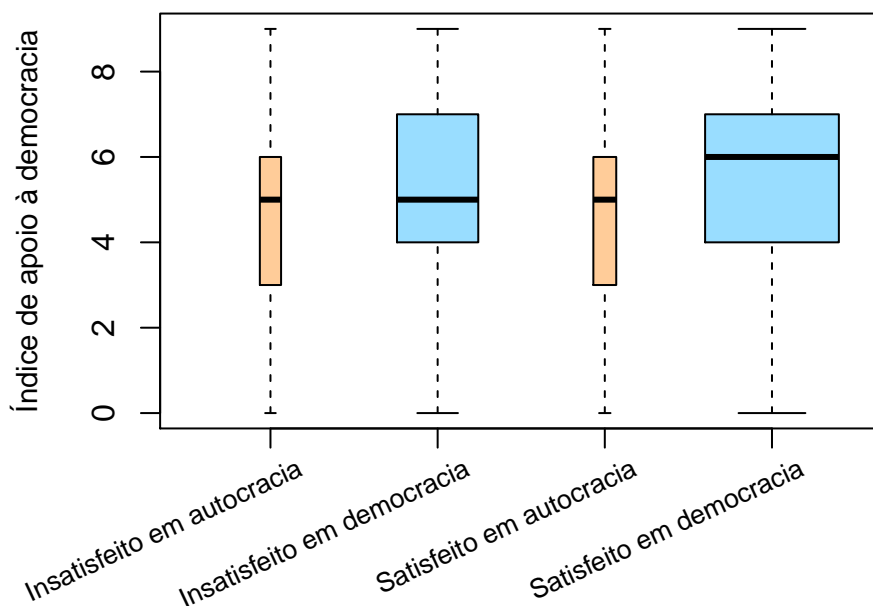
Figura 3: Diagramas de dispersão tendo o índice de apoio à democracia como variável dependente



confirma essa expectativa: nos países, a mediana do apoio à democracia é maior entre os mais satisfeitos com a vida. Na figura, a variável indicadora de satisfação, uma escala de 0 a 10, foi combinada com a variável *Polity* para a elaboração da variável categórica utilizada para agrupar os valores do apoio à democracia.

Na Tabela 9, encontram-se os coeficientes de um modelo de regressão, tendo o apoio à democracia como variável dependente. As variáveis individuais com maior impacto positivo sobre o apoio à democracia são a escolaridade e o índice de tolerância ao que, surpreendentemente, se segue a idade: quanto mais velho, maior o apoio à democracia. Também têm impacto positivo significativo ser profissional liberal, ter filhos e estar satisfeito com a vida. As variáveis com impacto negativo foram o auto posicionamento à direita na escala esquerda–direita, o índice de religiosidade, ser de grupo minoritário e ser aposentado ou trabalhador ou supervisor de trabalhador manual. Das variáveis nacionais, somente o PIB per capita se mostrou significativamente correlacionado com o apoio à democracia e, conforme esperado, o apoio é maior nos

Figura 4: Índice de apoio à democracia segundo a satisfação com a vida e o regime político



países com PIB per capita mais elevado. As variáveis renda e participação não se mostraram estatisticamente significativas.

O quarto modelo, Tabela 10, também tem o apoio à democracia como variável dependente, diferindo do terceiro apenas no uso do índice de posicionamento esquerda–direita no lugar do auto posicionamento. Novamente, o posicionamento esquerda–direita atribuído tem impacto inverso ao do auto posicionamento. Agora, ser de esquerda tem impacto negativo sobre o apoio à democracia.

Finalmente, no quinto modelo, apresentado na Tabela 11, eliminei as variáveis que se mostraram estatisticamente não significativas, mantendo a variável indicadora de participação por sua importância teórica. A satisfação com a vida foi adicionada ao modelo em interação com a variável categórica criada a partir de *Polity* e *Duração do regime*. O maior impacto positivo da variável *Satisfação* ocorre nos regimes híbridos e o maior impacto negativo nas autocracias recentes, mas seria preciso verificar quais são os países que se encontram nessas situações e considerar sua história recente para se fazer uma interpretação segura dos resultados encontrados.

Tabela 9: Regressão multinível III: Índice de apoio à democracia como variável dependente

	Estimativa	valor t
(Intercepto)	5,236	8,97
Sexo (Feminino)	-0,039	-1,95
Idade (30–49)	0,096	3,57
Idade (50–98)	0,234	7,00
Nível de instrução (Médio)	0,099	3,77
Nível de Instrução (Superior)	0,397	11,25
Status marital (Casado)	0,057	1,98
Status marital (Separado)	0,027	0,61
Status marital (Viúvo)	-0,035	-0,68
Número de filhos	0,017	2,40
Mora com os pais (Não)	-0,020	-0,87
Emprego (Sim: tempo parcial)	0,027	0,81
Emprego (Sim: autônomo)	0,033	1,08
Emprego (Não: aposentado)	-0,093	-2,49
Emprego (Não: dona de casa)	-0,084	-1,75
Emprego (Não: estudante)	-0,005	-0,07
Emprego (Não: desempregado)	0,019	0,46
Emprego (Não: outro)	0,044	0,66
Ocupação (Empregador > 10)	0,056	0,74
Ocupação (Empregador < 10 )	0,014	0,22
Ocupação (Profissional liberal)	0,209	3,68
Ocupação (Supervisor de escritório)	0,110	1,79
Ocupação (Trabalhador de escritório)	0,073	1,33
Ocupação (Supervisor de trabalho manual)	-0,192	-2,42
Ocupação (Trabalhador manual)	-0,126	-2,55
Ocupação (Fazendeiro)	0,102	1,58
Ocupação (Trabalhador rural)	-0,106	-1,70
Ocupação (Militar)	-0,000	-0,00
Renda	-0,004	-0,95
Economia familiar (Não economizou)	-0,014	-0,64
Economia familiar (Gastou)	0,028	0,92
Economia familiar (Gastou e se endividou)	-0,033	-1,00
Satisfeito com a vida	0,011	2,30
Índice de religiosidade	-0,060	-5,05
Auto posicionamento esquerda–direita	-0,025	-6,32
Índice de tolerância	0,133	11,25
particLrPouco	-0,002	-0,08
particLrMuito	-0,048	-1,97
Pertence a minoria (Sim)	-0,117	-3,96
PIB per capita	0,000	3,27
Índice de Gini	-0,015	-1,17
Taxa de desemprego	0,006	0,78
Polity	-0,001	-0,06

Tabela 10: Regressão multinível IV: Índice de apoio à democracia como variável dependente

	Estimativa	valor t
(Intercepto)	4,945	8,51
Sexo (Feminino)	-0,032	-1,61
Idade (30–49)	0,096	3,57
Idade (50–98)	0,234	7,02
Nível de instrução (Médio)	0,096	3,68
Nível de Instrução (Superior)	0,398	11,25
Status marital (Casado)	0,056	1,96
Status marital (Separado)	0,027	0,61
Status marital (Viúvo)	-0,035	-0,68
Número de filhos	0,017	2,38
Mora com os pais (Não)	-0,021	-0,89
Emprego (Sim: tempo parcial)	0,027	0,81
Emprego (Sim: autônomo)	0,032	1,05
Emprego (Não: aposentado)	-0,097	-2,58
Emprego (Não: dona de casa)	-0,089	-1,86
Emprego (Não: estudante)	-0,005	-0,07
Emprego (Não: desempregado)	0,022	0,53
Emprego (Não: outro)	0,037	0,56
Ocupação (Empregador > 10)	0,046	0,61
Ocupação (Empregador < 10 )	0,003	0,05
Ocupação (Profissional liberal)	0,210	3,69
Ocupação (Supervisor de escritório)	0,111	1,81
Ocupação (Trabalhador de escritório)	0,076	1,39
Ocupação (Supervisor de trabalho manual)	-0,193	-2,44
Ocupação (Trabalhador manual)	-0,119	-2,40
Ocupação (Fazendeiro)	0,100	1,56
Ocupação (Trabalhador rural)	-0,103	-1,66
Ocupação (Militar)	0,005	0,06
Renda	-0,006	-1,37
Economia familiar (Não economizou)	-0,009	-0,38
Economia familiar (Gastou)	0,035	1,13
Economia familiar (Gastou e se endividou)	-0,030	-0,90
Satisfeito com a vida	0,008	1,64
Índice de religiosidade	-0,069	-5,77
Índice de posição esquerda–direita	0,005	3,90
Índice de tolerância	0,137	11,55
particLrPouco	-0,004	-0,17
particLrMuito	-0,048	-1,96
Pertence a minoria (Sim)	-0,114	-3,84
PIB per capita	0,000	3,27
Índice de Gini	-0,015	-1,19
Taxa de desemprego	0,006	0,81
Polity	0,000	0,01

Tabela 11: Regressão multinível V: Índice de apoio à democracia como variável dependente

	Estimativa	valor t
(Intercepto)	4,359	27,42
Sexo (Feminino)	-0,039	-1,98
Idade (30–49)	0,103	4,10
Idade (50–98)	0,232	7,34
Nível de instrução (Médio)	0,096	3,68
Nível de Instrução (Superior)	0,395	11,30
Número de filhos	0,020	3,03
Emprego (Sim: tempo parcial)	0,028	0,84
Emprego (Sim: autônomo)	0,035	1,13
Emprego (Não: aposentado)	-0,105	-2,85
Emprego (Não: dona de casa)	-0,079	-1,65
Emprego (Não: estudante)	-0,013	-0,18
Emprego (Não: desempregado)	0,016	0,39
Emprego (Não: outro)	0,043	0,64
Ocupação (Empregador > 10)	0,044	0,58
Ocupação (Empregador < 10 )	-0,001	-0,01
Ocupação (Profissional liberal)	0,208	3,67
Ocupação (Supervisor de escritório)	0,110	1,81
Ocupação (Trabalhador de escritório)	0,076	1,38
Ocupação (Supervisor de trabalho manual)	-0,185	-2,34
Ocupação (Trabalhador manual)	-0,118	-2,39
Ocupação (Fazendeiro)	0,104	1,62
Ocupação (Trabalhador rural)	-0,096	-1,55
Ocupação (Militar)	0,007	0,09
Índice de religiosidade	-0,067	-5,58
Índice de posição esquerda–direita	0,004	3,77
Índice de tolerância	0,136	11,54
particLrPouco	-0,003	-0,14
particLrMuito	-0,047	-1,92
Pertence a minoria (Sim)	-0,112	-3,79
PIB per capita	0,000	4,99
Satisfeito:Regime híbrido	0,075	4,46
Satisfeito:Autocracia duradoura	0,038	2,93
Satisfeito:Autocracia recente	-0,131	-4,90
Satisfeito:Democracia recente	0,002	0,30
Satisfeito:Democracia duradoura	0,003	0,40

## 6 Discussão dos resultados

Na sua maior parte, os resultados encontrados foram os esperados. A correlação negativa entre tolerância e religiosidade pode ser parcialmente explicada pela própria natureza do índice de tolerância criado, composto por vários indicadores de liberdade no comportamento sexual, pois boa parte dos esforços das grandes religiões mundiais é voltada para o controle do comportamento sexual. Criadas em um período de relativo despovoamento do mundo, por sociedades relativamente pequenas e cercadas de inimigos, as religiões enfatizam a necessidade do relacionamento heterossexual e do direcionamento da sexualidade para a procriação.

A correlação entre religiosidade e apoio à democracia também foi negativo, embora com menor intensidade do que em relação à tolerância. Democracia pode, na prática, significar muitas políticas diferentes e até mesmo contrárias, como políticas de redução da desigualdade ou maior liberdade para mercado. Entre as mudanças sociais ocorridas nas sociedades democráticas, estão as mudanças nos padrões de comportamento familiar e sexual: maior liberdade para se divorciar e para a prática da homossexualidade, como atestam as leis permitindo o casamento entre pessoas do mesmo sexo, aprovadas recentemente em vários países. Algumas pessoas podem se sentir ameaçadas por essas mudanças, particularmente aquelas que assumem com afinco os valores pregados por sua religião.

Um interessante resultado que merece ser explorado em trabalhos futuros é a alta inconsistência entre auto posicionamento na escala esquerda–direita e o posicionamento efetivo determinado pelas respostas a perguntas específicas. De forma bastante simplificada, pode-se dizer que ser de direita significa defender a liberdade de defender os próprios interesses enquanto ser de esquerda é defender a justiça social. O posicionamento de esquerda causa uma impressão pública mais favorável àquele que o manifesta e, talvez por isso, as pessoas pensam ser de esquerda mais do que realmente são. Os resultados apresentados neste trabalho mostram que as pessoas que se consideram de esquerda têm atitudes contrárias às daquelas que de fato assumem posições de esquerda. Curiosamente, as pessoas de fato situadas à esquerda são menos tolerantes e apoiam menos a democracia do que as de direita.

Um resultado não esperado foi a baixa correlação entre participação e tolerância e entre participação e apoio à democracia e, mais do que isso, a correlação negativa entre alta participação e os dois índices que usamos como variáveis dependentes. Contrário aos argumentos de Sullivan e Transue (1999, p. 628), participar ativamente de associações não está parecendo ser o fato responsável por deixar algumas pessoas com as “atitudes psicológicas, valores e predisposições adequados” para a sustentação da democracia.

Os modelos desenvolvidos neste trabalho não incluíram variáveis sobre conflito de territórios, não sendo, portanto, possível corroborar ou questionar os estudos de Hutchison e Gibler (2007).

Weldon argumenta que “baixa autoestima, forte identidade intragrupo e percepção de ame-

ação são fatores que afetam a tolerância”, mas seria preciso realizar análise mais específicas, usando novas variáveis da *Pesquisa Mundial de Valores* ou de outras bases de dados para explicar porque ser pertencente a grupo minoritário teve impacto negativo tanto no índice de tolerância quanto no índice de apoio à democracia.

## Referências

BATES, Douglas; MAECHLER, Martin; BOLKER, Ben. *lme4: Linear mixed-effects models using Eigen and Eigen++*. [S.l.], 2012. R package version 0.999999-0. Disponível em: <<http://CRAN.R-project.org/package=lme4>>.

CATTERBERG, Gabriela. Evaluations, referents of support, and political action in new democracies. *International Journal of Comparative Sociology*, v. 44, n. 3, p. 173–198, 2003.

CATTERBERG, Gabriella; MORENO, Alejandro. The individual bases of political trust: trends in new and established democracies. *International Journal of Public Opinion Research*, v. 18, n. 1, p. 31–48, 2005.

DAS, Jayoti; DIRIENZO, Cassandra; TIEMANN, Thomas. A global tolerance index. *Competitiveness Review: An International Business Journal*, v. 18, n. 3, p. 192–205, 2008.

HESTON, Alan; SUMMERS, Robert; ATEN, Bettina. *Penn World Table Version 7.0*. University of Pennsylvania: Center for International Comparisons of Production, Income and Prices, 2011. Disponível em: <[http://pwt.econ.upenn.edu/php\\_site/pwt\\_index.php](http://pwt.econ.upenn.edu/php_site/pwt_index.php)>. Acesso em: 25/04/2012.

HUTCHISON, Marc L.; GIBLER, Douglas M. Political tolerance and territorial threat: a cross-national study. *The Journal of Politics*, v. 69, n. 1, p. 128–142, fev. 2007.

INGLEHART, Ronald. How solid is mass support for democracy—and how can we measure it? *Political Science and Politics*, v. 36, p. 51–57, 2003.

INGLEHART, Ronald; NORRIS, Pippa. The true clash of civilizations. *Foreign Policy*, n. 135, p. 62–70, mar./abr. 2003.

POWER, Timothy J.; GONZÁLEZ, Júlio. Cultura política, capital social e percepções sobre a corrupção: uma investigação quantitativa em nível mundial. *Revista de sociologia e política*, v. 21, 2003.

R Core Team. *R: A Language and Environment for Statistical Computing*. Vienna, Austria, 2012. ISBN 3-900051-07-0. Disponível em: <<http://www.R-project.org/>>.

REVELLE, William. *psych: Procedures for Psychological, Psychometric, and Personality Research*. Evanston, Illinois, 2012. R package version 1.2.1. Disponível em: <<http://personality-project.org/r/psych.manual.pdf>>.



ROCKEY, James. *Who is left-wing, and who just thinks they are?* University of Leicester, UK, 2010. Working Paper n. 09/23.

SELIGSON, Mitchell A. The renaissance of political culture or the renaissance of the ecological fallacy? *Comparative Politics*, p. 273–292, abr. 2002.

SULLIVAN, J.L.; TRANSUE, J.E. The psychological underpinnings of democracy: a selective review of research on political tolerance, interpersonal trust, and social capital. *Annual Review of Psychology*, v. 50, n. 1, p. 625–650, fev. 1999.

WEAKLIEM, David L. The effects of education on political opinions: an international study. *International Journal of Public Opinion Research*, v. 13, n. 2, p. 141–157, 2002.

WELDON, Steven A. The institutional context of tolerance for ethnic minorities: a comparative, multilevel analysis of Western Europe. *American Journal of Political Science*, v. 50, n. 2, p. 331–349, abr. 2006.